

Abertura

NUNO CRESPO

Por mais que tentemos, o trabalho de Francisco Tropa (n. Lisboa, 1968) não se deixa apresentar através da sua condução a um conjunto determinado de gestos, objectos ou conceitos. A sua natureza é ser um campo amplo onde se conjugam diferentes experiências humanas. Uma arena, um «arenario» como lhe chama o artista, um espaço aberto onde se dá um corpo-a-corpo (real e virtual) entre o humano e a arte e que é palco do mistério — cujo drama se desenvolve pelo menos desde Lascaux — que se constitui de cada vez que um de nós enfrenta uma obra de arte e é por ela enfrentado.

A exposição que esteve na origem deste livro propôs, *a partir de* uma única obra, explorar o trabalho deste artista *segundo* a ideia das imagens, da sua fabricação e da sua existência enquanto lugares reais. A obra pertence à família das lanternas de Tropa e nessa família são convocadas ideias axiais para o mundo contemporâneo. Um mundo tomado pelas imagens digitais que transportam no seu interior, e como sua condição, dispositivos de controlo, de subjugação e de poder.

As imagens quase primitivas que Tropa faz acontecer — e as suas imagens são sempre uma espécie de acontecimento — reenviam insistentemente ao corpo humano e inscrevem-se no seu plano material de finitude. Plano este do qual as imagens virtuais, puramente espectrais e desencarnadas, parecem estar arredadas. Neste sentido, estas obras — sobre as quais o artista fala longamente na conversa que aqui se publica — podem entender-se também como dispositivos críticos relativamente aos modos contemporâneos de produção de imagens. Mas dizer isto não arreda do trabalho deste artista o modo como, de forma tão brilhante, nele se conjugam realidade, encantamento e poesia.

Algumas palavras de agradecimento a toda a equipa que produziu a exposição do Francisco Tropa na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e que marcou o início de um novo ciclo de programação dedicado a

explorar as diferentes modalidades de investigação em artes. Depois ao CITAR e ao Centro de Criatividade Digital, que em conjunto têm feito do programa expositivo e do plano de edições a ele associado um eixo determinante da sua actividade de investigação. Uma palavra especial de agradecimento à Câmara Municipal do Porto, que através do seu programa de apoio à programação artística, Criatório, apoia a programação expositiva da galeria de exposição da EA. E um enorme agradecimento ao Manuel Rosa e a toda a equipa da editora Sistema Solar pelo empenho e qualidade que colocam nestes livros.

Todos os nossos programas e actividades não seriam possíveis sem o apoio constante da reitoria da Universidade Católica Portuguesa a que agradeço na pessoa da Magnífica Reitora Prof.^a Doutora Isabel Capelo Gil e da presidência do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa a que agradeço na pessoa da sua presidente Prof.^a Doutora Isabel Braga da Cruz.

Um agradecimento às galerias Quadrado Azul (Porto e Lisboa), Gregor Podnar (Berlim) e Jocelyn Wolff (Paris).

Um agradecimento muito especial a Maria Filomena Molder e a François Piron pelos seus contributos para esta publicação que são um incentivo notável para a ampliação da compreensão do trabalho deste artista.

Finalmente, um agradecimento muito especial ao Francisco Tropa pelo modo generoso, entusiasta e tão estimulante com que aceitou o nosso convite e nos proporcionou um momento importante de experiência sensível e provocou a nossa imaginação a aprofundar o reino das imagens, das sombras e dos mecanismos primitivos de produzir imagens poéticas.

Opening

NUNO CRESPO

Try as we might, presentation of the work of Francisco Tropa (b. Lisbon, 1968) does not lend itself to a determined set of gestures, objects or concepts. Its nature is rather that of an open field where various human experiences converge. An arena, or “arenario” as the artist calls it: an open space where a body-to-body experience takes place (real and virtual) between human and art; a stage for a mystery whose drama has grown since at least Lascaux, and which is constituted anew each time one of us confronts a work of art and is confronted by it in turn.

The exhibition that gave rise to this book proposed an exploration of this artist’s oeuvre *through* a single work and *according to* the idea of images, their fabrication and their existence as real places. The work in question is one of Tropa’s lanterns, a set of works which invokes several axial ideas relating to the contemporary world. A world overrun by digital images that carry within themselves, as part of their very condition, means of control, subjugation and power.

The almost primitive images that Tropa enables — his images are always a kind of event — refer insistently to the human body and are inscribed in a plane of material finitude. A plane from which virtual images, purely spectral and disembodied, seem to have been removed. In this sense, these works — about which the artist speaks at length in the conversation included here — can also be understood as critical devices about contemporary modes of production of images themselves, though saying this in no way takes away from the way in which reality, enchantment and poetry are so brilliantly combined in the artist’s work.

A few words of thanks are due to the whole team that contributed to producing Francisco Tropa’s exhibition at the School of Arts of the Catholic University of Portugal, an exhibition which marked the beginning of a new cycle of programming dedicated to exploring different modes of research in the arts. We

also offer our thanks to CITAR and the Digital Creativity Centre (CCD), which together have made the exhibition programme and publishing plan associated with it a central axis of their research activity. A special word of thanks also to Porto City Council, which through its support initiative for artistic programming, Criatório, supports the exhibition programme of the EA exhibition gallery. And a huge thanks to Manuel Rosa and the whole team at Sistema Solar publishing house for the commitment and quality they have put into these books.

All our programmes and activities would not be possible without the ongoing support of the rector of the Catholic University of Portugal, which I thank in the person of Professor Isabel Capelo Gil, and the presidency of the Regional Centre of Porto of the Catholic University of Portugal, which I thank in the person of Professor Isabel Braga da Cruz.

A special thanks also to the galleries Quadrado Azul (Porto and Lisbon), Gregor Podnar (Berlin) and Jocelyn Wolff (Paris).

A very special thanks to Maria Filomena Molder and François Piron for their additions to this publication, which are a remarkable contribution to broadening understanding of this artist's work.

And finally, a very special thanks to Francisco Tropa himself for the generous, enthusiastic and highly stimulating way in which he accepted our invitation and provided us with important moments of sensory experience, provoking our imaginations to delve into the realm of images, shadows and the primitive mechanisms of producing poetic images.

Ouverture

NUNO CRESPO

Malgré tous nos efforts, le travail de Francisco Tropa (né à Lisbonne en 1968) se révèle pourtant impossible à présenter sous la forme d'un chemin menant à un ensemble déterminé de gestes, d'objets ou de concepts. Son travail est un vaste champ où se conjuguent différentes expériences humaines. Une arène, un « arénaire » comme l'appelle l'artiste, un espace ouvert où l'être humain et l'art se livrent un corps à corps (réel et virtuel), une scène du mystère — dont le drame se développe au moins depuis Lascaux — qui se constitue chaque fois que l'un de nous se trouve face à une œuvre d'art et que celle-ci le questionne.

L'exposition à l'origine de ce livre propose, à *partir d'*une seule œuvre, d'explorer le travail de cet artiste *selon* l'idée que les images, leur fabrication et leur existence sont des lieux réels. Cette œuvre est issue de la famille des lanternes de Tropa, où sont invoquées des idées transversales au monde contemporain. Un monde pris d'assaut par les images numériques dont la condition est de porter en elles des dispositifs de contrôle, d'assujettissement et de pouvoir.

Les images presque primitives que Tropa fait advenir — et ses images sont toujours une sorte d'événement — renvoient avec force au corps humain et s'inscrivent dans son plan matériel de finitude. Plan duquel les images virtuelles, purement fantomatiques et désincarnées, semblent être éloignées. En ce sens, ces œuvres — à propos desquelles l'artiste s'exprime longuement dans la conversation que nous publions dans cet ouvrage — peuvent également s'envisager comme des dispositifs critiques relatifs aux modes contemporains de production d'images. Mais cette affirmation ne sépare pas du travail de cet artiste la manière dont il parvient aussi brillamment à y conjuguer réalité, enchantement et poésie.

Nous souhaitons adresser quelques mots de remerciement à toute l'équipe en charge de la production de l'exposition de Francisco Tropa à l'École d'art de l'Universidade Católica Portuguesa de Porto. Exposition qui a inauguré un nou-

veau cycle de programmation consacré à l'exploration des différentes modalités de recherche dans le domaine des arts. Notre gratitude va également au CITAR et au Centro de Criatividade Digital qui ensemble ont fait du programme d'exposition et du plan d'éditions qui y est associé un axe déterminant de leur activité de recherche. En outre, nous remercions particulièrement la mairie de Porto, qui par le biais de son programme d'aide à la programmation artistique, Criatório, soutient la programmation de la galerie d'exposition de l'EA. Mille mercis à Manuel Rosa et à l'ensemble de l'équipe de la maison d'édition Sistema Solar, pour leur implication dans la qualité de ces livres.

Tous nos programmes et nos activités ne seraient pas possibles sans le soutien indéfectible du rectorat de l'Universidade Católica Portuguesa et de la présidence du Centre régional de Porto de l'Universidade Católica Portuguesa, auxquels nous exprimons notre reconnaissance en les personnes de, respectivement, madame le recteur Isabel Capelo Gil et madame la présidente Isabel Braga da Cruz.

Nous remercions aussi les galeries Quadrado Azul (Porto et Lisbonne), Gregor Podnar (Berlin) et Jocelyn Wolff (Paris).

Un remerciement spécial à Maria Filomena Molder et à François Piron pour leurs contributions remarquables à cette publication qui ont permis d'élargir la compréhension du travail de cet artiste.

Enfin, nous souhaitons exprimer toute notre gratitude à Francisco Tropa pour la manière généreuse, enthousiaste et si stimulante avec laquelle il a accepté notre invitation, pour nous avoir offert un précieux moment d'expérience sensible et avoir incité notre imagination à plonger en profondeur dans le règne des images, des ombres et des mécanismes primitifs de création d'images poétiques.